

03/04/2019 às 05h00

Uma história de violência

Por **Tiago Cavalcanti**

Não lembro exatamente a data, mas deve ter sido no final da década de 80 ou início dos anos 90. Estávamos eu, Marcelo Mendonça Vital e Paulo Alexandre Sicato Chitunda andando ao anoitecer pelas ladeiras da cidade alta de Olinda. Éramos adolescentes, praticamente vizinhos e amigos inseparáveis. Paulo, negro, veio da Angola ainda pequeno quando sua família fugiu na década de 70 da guerra civil daquele país. Marcelo loiro e eu o retrato de anos de miscigenação no Nordeste pernambucano. Tínhamos tanto medo da polícia como de marginais. Não usávamos drogas lícitas ou ilícitas e as andanças tinham como simples objetivo jogar conversa fora e paquerar as garotas.

Um camburão descia a ladeira Bispo Coutinho, que é uma das formas de acesso à famosa Sé de Olinda, quando dois ou três policiais desceram do carro com arma na mão e abordaram Paulo Chitunda. Jogaram ele contra o carro, abriram suas pernas, braços e começaram a abordá-lo de forma

Mensagens dos leitores

Brexit

O atual estágio do Brexit, após as sucessivas rejeições, por parte do Parlamento do Reino Unido, dos acordos costurados com a União Europeia (UE) pela primeira-ministra Theresa May, sugere o mais desastroso dos desfechos: a separação sem acordo, com

03/04/19, 22:11

agressiva. Não tocaram nem em mim e nem em Marcelo. Repetidamente falamos que Paulo era nosso amigo e que estava conosco. Até hoje lembro a resposta de um dos policiais: "Fiquem quietos, estamos fazendo isso para proteger vocês".

Vivíamos dizendo a Paulo que nossa sociedade não era preconceituosa e que as pessoas não eram tratadas de forma diferente por conta da cor da pele. Filho de um pastor evangélico e de família de classe média, ele afirmava de forma veemente o contrário, mostrando evidências de brincadeiras que os negros, em geral, eram vítimas. Fazíamos pouco caso dos casos expostos, até esse dia. Antes de publicar o artigo, pedi autorização a Paulo para expor o acontecido. Aqui reproduzo as suas palavras: "O que você lembra neste artigo faz parte também das minhas memórias daquele episódio e elas são exatamente como relataste. Infelizmente, poucas mudanças aconteceram no Brasil desde nossa adolescência".

O Estado é visto como fonte de extração de riqueza ao invés de um regulador ou provedor de serviços públicos

violência brutal contra as pessoas. O nosso contrato social inclui mundos distintos. Por um lado, temos o baixo investimento nas pessoas e nas periferias. Longas horas nos transportes públicos, ruas sujas e pouco iluminadas. Segundo a Agência Nacional de Águas, 45% da população brasileira não tem acesso adequado de esgoto com implicações diretas na saúde da população. Por outro lado, temos uma elite com acesso a serviços inimagináveis em países mais ricos.

O pior é que nosso Estado é muitas vezes indutor de nossa desigualdade. Raimundo Faoro, na sua interpretação do Brasil em "Os Donos do Poder", argumentou que o poder político era exercido por grupos que administram a máquina pública para derivar benefícios do poder, prestígio e riqueza. Não é muito diferente hoje em dia. Os exemplos são inúmeros: alguns dos salários, aposentadorias e penduricalhos do setor público; contratos públicos super-

consequências imprevisíveis para os dois lados, em face de um ser reciprocamente o maior parceiro comercial...

03/04/2019 às 05h00 - Paulo Roberto Gotaç -

Ernesto Araújo

No seu artigo publicado na edição de ontem, o professor Luiz Gonzaga Belluzzo mira no chanceler Ernesto Araújo e acaba acertando os próprios amigos do PT. Passando rápido pelo "vício do nominalismo", há 15 anos ouvimos xingar as "elites (brancas)" e os "golpistas", o pelo "igualitarismo totalitário" do "nós contra eles".

Mas o principal é a...

03/04/2019 às 05h00 - François Legleye -

Bolsonaro em Israel

Na sua viagem a Israel, retribuindo visita do primeiro-ministro Netanyahu ao nosso país, o presidente Jair Bolsonaro, ao criar um escritório de negócios em Jerusalém, conseguiu desagradar a todos, ao buscar uma saída honrosa para a sua promessa de campanha de mudar a nossa embaixada de Tel Aviv para a referida cidade.

Deveria abandonar...

03/04/2019 às 05h00 - Dirceu Luiz Natal -

Ver todas | Envie sua mensagem

faturados; inúmeros subsídios para quem não precisa. O Estado é visto como uma fonte de extração de riqueza ao invés de um regulador ou provedor de serviços públicos.

Esse contrato implícito resulta em um caos social, junto com um Estado omissivo e ondas incessantes de violências cada vez mais dominadas pelo crime organizado e milícias urbanas. A cada ano, cerca de 60 mil pessoas são assassinadas no país. A maioria são de pele escura, em lugares onde o Estado é quase ausente. Às vezes a periferia se colide com o mundo da elite, que, por outro lado, se protege: coloca câmeras, contrata segurança privada, compra carros blindados, agrada privadamente a polícia para fazer uma segurança mais forte e assim vai se apartando da vida das pessoas do povo. O problema, no entanto, não é resolvido e ficamos à espera que a transição demográfica resolva a questão da criminalidade no Brasil.

As eleições de 2018 foram um marco de nossos conflitos. A facada no hoje presidente Jair Bolsonaro, a histeria que tomou conta de amigos e conhecidos, formaram uma onda de ódio e agressões que eu nunca tinha vivenciado. A racionalidade ficou para um plano inexistente e políticas não foram discutidas. Amizades foram desfeitas e muitas famílias ficaram divididas.

Em um país avançado, o resultado de uma eleição determina pouco do futuro de uma nação. Há algumas exceções que confirmam a regra, mas, em geral, o Executivo está restrito a ajustes nas instituições e nas políticas públicas, que refletem o eleitor mediano e não os extremos. As mudanças são acomodações racionais.

Não há dúvida que o Brasil necessita de uma reforma da previdência - a próxima coluna será dedicada a este tópico - caso contrário vamos à insolvência fiscal. O governo Lula fez uma reforma da previdência em 2003, enfrentando forte oposição do seu próprio partido e de um Bolsonaro até recentemente corporativista radical. O país também precisa de um choque liberal, diminuindo a participação do Estado em várias áreas através de parcerias público-privada, privatizações e a introdução de uma lógica de eficiência no setor público. A oposição tem que ser responsável e lutar pelo melhor para os brasileiros.

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Uma história de violência 
05h00

O quarto escuro e o poste sem luz 
05h00

A economia chinesa está se estabilizando 
05h00

Após impasse total, Brexit pode ter solução moderada 
05h00

[Ver todas as notícias](#)

Porém um país com níveis de desigualdade social como o nosso deve ter um projeto humanista de inclusão social, sem viés ideológico e não deve ser indiferente quanto à miséria do nosso povo, sobretudo presente entre os descendentes dos escravos africanos e indígenas. O chefe de Estado do país deve olhar para a frente e governar para todos, especialmente para a maioria marginalizada que sofre diariamente as mais diversas formas de violência. Não importa se votou ou não no candidato vencedor. Todos necessitamos não só do progresso econômico, mas também da presença forte e eficiente do Estado na educação, saúde, infraestrutura pública e segurança.

Tiago Cavalcanti é economista, professor da Universidade de Cambridge e FGV-SP

Tweet



Q

CONTEÚDO PUBLICITÁRIO

Recomendado por |



LINK PATROCINADO

Traqueia original Slim para CPAP/ VPAP - ResMed

CPAP VITAL



LINK PATROCINADO

Por que 9 a cada 10 empresas usam SafraPay?

SAFRA

Emagrecer rápido fica muito fácil se você fizer o que esse médico fez

GUIASAUDE.ME



LINK PATROCINADO
Fotos Horripilantes do Titanic Encontradas em Câmera Antiga
COOLIMBA



LINK PATROCINADO
Pescadores estão em descrença depois de ver criatura em iceberg
DESAFIO MUNDIAL

LINK PATROCINADO
Creme Facial Nivea Nutritivo 100g
DROGASIL